
“UM SOCO NO ESTÔMAGO”: Estudo de Recepção do Livro-reportagem “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*”¹

Marina Gama Costa²
Poliana Sales Alves³
Faculdade Estácio, São Luís, MA

RESUMO

Este trabalho realiza um estudo de recepção da narrativa jornalística do livro-reportagem intitulado “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*”, produzido pela jornalista mineira Daniela Arbex. O livro em questão retrata o incêndio ocorrido na madrugada de 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, município do estado do Rio Grande do Sul, causado pelo uso indevido de um sinalizador durante a apresentação de uma banda local, tendo 242 mortos e outros 680 feridos. Seguimos as premissas de Sodré & Ferrari (1986), Vilas Boas (1996), Zilberman (1989), Jauss (1967) e Iser, (1999) com o objetivo de entender a relação do leitor com a obra jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Boate *Kiss*; Estética; Narrativa; Recepção.

Introdução

A maneira como o texto é produzido influencia consideravelmente no interesse do leitor. Um bom desdobramento do fato, de forma clara, objetiva, e inteligível é essencial. A esse desdobramento, damos o nome de narrativa, que caracteriza-se pelo ato de contar uma história, situando-a no espaço e no tempo. Em sua estrutura, traz elementos essenciais, precisa apresentar o fato, quando este ocorreu, o seu cenário, seus personagens, como e porque se deu esse acontecimento, bem como as consequências dele. A sequência dos fatos narrados é disposta em quatro partes: a introdução, que ambienta o leitor dos principais pontos da história contada; o desdobramento dos fatos; o ponto alto da narrativa, também chamado de clímax, onde o conflito se apresenta com mais força; e a finalização, com o desfecho da história e as consequências do fato.

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís. Email: marinacosta096@gmail.com.

³ Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís, mestra em Cultura e Sociedade. Email: polianasales@gmail.com.

Apesar de estar constantemente ligada à ficção, no jornalismo a narrativa se configura como elemento de grande importância que, de acordo com os acontecimentos que transformam nosso cotidiano, nos direciona para o que constitui um dos gêneros jornalísticos: a reportagem. Conforme Vilas Boas (1996),

O texto narrativo se caracteriza pela referência a ações de pessoas, descrições de circunstâncias e objetos. Os fatos são organizados de modo a mostrar “mudanças progressivas” nas pessoas e coisas. O texto de uma reportagem narrativa mostra as mudanças ocorrendo. É como se a realidade fosse recriada aos olhos dos leitores. Um eterno acontecer (VILAS BOAS, 1996, p. 52).

Através da elaboração deste trabalho, estudamos o conceito de reportagem, suas características, modulações e seus aspectos mais importantes. Apresentamos também o conceito de livro-reportagem, com foco na obra escolhida para estudo, um produto do jornalismo e literatura, explicando como na produção literária é estabelecida uma relação entre o objeto (livro), o leitor e o autor, e como essa relação provoca experiências no leitor. É interessante observar essa interação disposta na rede social digital *instagram*, material empírico analisado neste estudo, uma vez que essas novas possibilidades de comunicação permitem o compartilhamento dessas experiências. No caso do livro-reportagem, isso avança de uma simples forma de expressão para uma discussão por vezes necessária. “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*” é um trabalho bem elaborado que atualiza uma discussão que ainda aguarda solução. A partir dessa interação do leitor com a obra, relacionamos aos preceitos da Teoria da Estética da Recepção, análise que será explanada no corpo do artigo.

Reportagem e Livro-reportagem

A reportagem trabalha de forma mais detalhada o fato. Demanda pesquisa mais aprofundada, direcionando o olhar para diversos pontos não alcançados pela notícia. Além do caráter narrativo, é importante que, na reportagem, seu conteúdo incite interesse humano. Assuma um papel que vá além da simples informação, devendo seguir também caráter impressionista, possibilitando ao leitor maior aproximação com o relato, que são organizados e desenvolvidos sem perder a objetividade e o compromisso com a verdade.

É importante ressaltar que, dependendo do assunto abordado na reportagem, esta poderá apresentar algumas dessas características com maior presença. No entanto, a narrativa é a característica que mantém obrigatoriedade, caso contrário exclui a possibilidade de reportagem. De acordo com o andamento da narrativa, a reportagem pode ser apresentada a partir de três modelos, como afirma Sodré & Ferrari (1986, p. 45). O primeiro é a “reportagem de fatos” (*fact-story*), acontece quando os fatos são narrados conforme sua importância e acontecimento, o que também é chamado de “pirâmide invertida”. No segundo modelo, o desdobramento do relato ocorre a partir do que causa maior impacto (singular) e perpassa por todo o desenrolar da história, chamado “reportagem de ação” (*action-story*). Já o terceiro modelo, a “reportagem documental” (*quote-story*), está mais voltada para o âmbito da pesquisa, de maneira objetiva e expositiva.

Outro ponto importante na construção da narrativa é a disposição do tempo, dividido em quatro modalidades. A primeira configura-se no “tempo psicológico”, que une o passado ao presente a partir da apreensão do indivíduo. A segunda é o “tempo físico”, representado pelas leis naturais como “dia” e “noite”, seguido do “tempo cronológico”, que diz respeito a qualquer referência a acontecimentos históricos que possam ajudar a contextualizar o fato que está sendo contado. Por fim, tem-se o “tempo linguístico”, no qual o autor “escreve hoje sobre o que aconteceu há cinco anos, situando a narrativa no plano de tempo do acontecimento” (VILAS BOAS, 1996, p. 56).

O processo de produção de grandes reportagens pode gerar um novo produto, apresentando uma hibridação entre jornalismo e literatura: o livro-reportagem. Por exigir um tempo de apuração e pesquisa muito maior, já que se trata do desdobramento de um fato único, esse produto acaba tendo seu processo bem mais trabalhoso. Vilas Boas (1996) pontua que

Ser expressivo significa, dentre outras coisas, que sua reportagem narrativa tem a obrigação de informar sempre de modo mais transparente. Por outro lado, ser literário significa, grosso modo, narrar com efeito, com beleza e imaginação. Sem perder de vista os fatos (VILAS BOAS, 1996, p.60).

Neste caso em especial há o uso de narrativa que caracteriza o jornalismo literário, uma vez que a reportagem é publicada em forma de livro. Sodré (2012, p. 139)

pontua que “a atividade literária, como bem se sabe, sempre esteve ligada à prática do jornalismo”. Ele afirma que

Quando um jornalista se comporta como narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigiando com as fontes de informação, etc. – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (SODRÉ, 2012, p. 144).

Essa atenção do leitor, captada pela obra, se desenvolve por meio de uma relação entre ambos, através de um processo de recepção. Utilizamos a teoria da Estética da Recepção, estudo de crítica literária desenvolvido no século XX, para compreender essa relação do leitor-receptor com o objeto (obra), com foco no livro-reportagem “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*”, da jornalista Daniela Arbex.

Entendendo a Estética da Recepção

De maneira geral, nos estudos de obras literárias observa-se a relação que se estabelece entre o objeto (a obra), o leitor e o autor. Neste momento marcado por percepções características da contemporaneidade, devido à internet e o desenvolvimento de plataformas de compartilhamento de conteúdos, essa interação ocorre de maneira instantânea. Interessa pontuar a importância do receptor nesse processo literário, destacando suas duas fases: a primeira, antes do conhecimento sobre o objeto, com suas percepções iniciais cotidianas; e a segunda, após a recepção, com suas experiências posteriores aos estímulos causados pela obra. Assim como é importante compreender o leitor enquanto “fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto, na fama, dos textos, mas também em sua produção”, conforme Zilberman (1989, p.17) explica em seus estudos.

A “estética da recepção”, estudo realizado por Hans Robert Jauss e posteriormente por seus colegas, entre eles Wolfgang Iser, explica como ocorre a captação, por parte do receptor, da ideia disposta pelo autor. Surgida nos anos de 1960, na Escola de Constance, na Suíça, funcionou com crítica ao ensino da história da literatura, com o objetivo de modificar a visão mimética preexistente, “propondo uma história da arte fundada em outros princípios, que incluem a perspectiva do sujeito produtor, a do consumidor e sua interação mútua” (ZILBERMAN, 1989, p. 32).

Através disso, é possível destacar dois aspectos ligados ao leitor, tanto voltado para sua atribuição social, quanto para o caráter estético, reafirmando a importância do processo de recepção do destinatário para a história da produção literária. Seguindo essa ideia, é pontuado que esta teoria

Recupera a historicidade da literatura, nascida de seus intercâmbios com o público; e chega a esse resultado por estabelecer a relação, rompida pelo historicismo, entre o passado e o presente, condição imprescindível entre os aspectos estético e histórico do texto. (ZILBERMAN, 1989, p. 33).

A Estética da Recepção considera a literatura como um processo estruturado no tripé produção/recepção/comunicação, uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor, isso explica o porquê de escolhermos como referencial para o estudo de recepção do livro-reportagem “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*”.

Jauss (1967) elabora premissas que ratificam suas ideias. Dentre elas, podemos identificar o que ele nomeia “horizonte de expectativas”, que diz respeito aos caminhos dispostos pela obra, que direcionam o leitor a determinada experiência, baseados em um “saber prévio”, por meio de elementos característicos que atraem o receptor para seu conteúdo. Considera então, baseando-se também nas ideias de Gardamer (apud Zilberman, 1989), uma nova perspectiva para análise no andamento das recepções, na qual

Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo “trans-subjetivo”, “condiciona a ação do texto” (JAUSS apud ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Iser (1999, p. 97) pontua que “a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo”. Através dessa afetação, em um processo de identificação, a obra possibilita ao leitor uma espécie de renovação de percepções, sensações e pensamentos. A esta ideia Jauss (1967) associa o conceito de *katharsis*, que significa o estado de libertação do receptor, de acordo com as emoções despertadas no momento da identificação. Para além disso, caracteriza um elemento fundamental para a comunicação da obra, uma vez que “liberta o espectador dos interesses práticos e dos compromissos cotidianos, oferecendo-lhe uma visão mais ampla dos eventos e estimulando-o a julgá-los” (ZILBERMAN, 1989, p. 57).

A partir das características de narrativa e reportagem, atrelados aos estudos de recepção, é importante compreender de que forma esse conteúdo pode gerar experiência estética para o leitor. Muitas vezes, a maneira como o relato é construído é essencial para a identificação do leitor-receptor. Na análise da obra “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*”, utilizamos principalmente essas premissas – tanto o horizonte de expectativas como a *katharsis* – como bases teórico-metodológicas para nossas análises.

“Todo dia a mesma noite”

O livro, como o próprio nome diz, aborda “a história não contada da boate *Kiss*”, uma casa noturna de Santa Maria, município do estado do Rio Grande do Sul, que na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013 sofreu um incêndio causado por um sinalizador disparado no palco em direção ao teto, pelo vocalista da banda Gurizada Fandangueira, que realizava uma apresentação naquela noite.

A tragédia que abalou, não apenas a cidade, mas o Brasil, tendo repercussão também em outros países, foi responsável pela morte de 242 pessoas e feriu mais de 600, causando sentimento de dor e uma sede de justiça que perdura até hoje. É interessante observar como Daniela Arbex, jornalista e autora da obra, desenvolve essa narrativa, dando a ela caráter de sensibilidade e força que faz com que, em muitos momentos, o leitor pare para respirar fundo e tomar fôlego, tamanho o impacto.

A escolha e a disposição dos relatos são bem trabalhadas, chamando ainda mais atenção para a temática da obra, espécie de homenagem aos cinco anos de ocorrência do fato, tendo sido lançado na data de referência ao acontecimento. Com prefácio intitulado “Um inventário de afetos”, escrito por Marcelo Canellas, também jornalista, o livro é dividido em capítulos que refazem os passos de pessoas importantes para essa história: profissionais de saúde e resgate, pais das vítimas, testemunhas, sobreviventes, todos direta ou indiretamente afetados por esse desastre.

No texto que dá início à obra, Canellas (2018) expõe com emoção sua experiência com a tragédia, sentimentos que também são despertados no leitor ao longo da narrativa. Traz à tona o talento e o cuidado de Daniela Arbex com seu trabalho, sua maneira de resgatar da memória fatos que não poderiam ter se deixado esquecer. E que

nunca serão esquecidos por quem perdeu um ente querido, ou por quem viu pessoas tão jovens partirem tão bruscamente.

Tragédias são episódios tão avassaladoramente desconstrutivos da rotina esperada, tão perturbadoramente desarrumadores da ordem natural, tão violentamente instauradores da ruína e do caos, que nem mesmo a semântica se mantém de pé. Desde a madrugada de 27 de janeiro de 2013, a bela palavra *Kiss* evoca dor, perplexidade, ganância, omissão, injustiça e tantos outros sentimentos e percepções inflados pela falta e pelo abandono (CANELLAS, 2018, p. 09).

A força com a qual o relato é construído nos leva ao momento em que os profissionais de saúde e resgate chegam ao local do incêndio e começam a entender o que tinha acontecido era muito maior do que eles ousavam imaginar. Impressiona o empenho dos Socorristas no resgate das vítimas, apesar do pouco recurso em materiais e desfalque na equipe. Uma visão crua de quem viveu horas de desespero, dor e uma angústia sufocada em meio a tantos corpos e fuligem. Exige tamanha sensibilidade o momento no qual os familiares começam a receber as primeiras notícias do fato. Alguns não conseguiam entender de imediato o que ouviam. Uma esperança mascarada pairava sobre a cidade que tão logo estaria em todos os plantões de notícias. Esperança de que aquilo fosse apenas um pesadelo. Centenas de ligações na caixa postal e uma corrida contra o tempo, contra o destino. Muitas mães e pais tentando firmar-se no pensamento positivo. Mas, no fundo, já sabiam que seus filhos já não estavam mais ali. Naquele dia, que com certeza ficou gravado na pele e na memória de toda Santa Maria, a vida foi vista passar num piscar de olhos dos jovens que ali estiveram. E que agora estão apenas na lembrança de uma das maiores tragédias do país.

Jovens que saíram vivos. Que se perderam na multidão. Que conseguiram sair da boate, mas voltaram para tentar salvar outras vítimas e acabaram perdidos em meio à fumaça. Que chegaram ao hospital, mas não resistiram. Que chegaram ao hospital e tiveram uma segunda luta pela sobrevivência. Jovens que tinham seus empregos, que estudavam. Filhos únicos, irmãos, netos, companheiros, amigos. Cada nome citado é importante, foi uma vida e agora é lembrança refletida nas luzes dos quartos que jamais serão apagadas, nos frascos de perfume deixados pela metade, dos planos interrompidos.

Arbex expõe também a realidade de quem, em meio à dor do outro, deixa transparecer uma face ansiosa por se alimentar de morbidez. Mais que uma denúncia,

“Todo dia a mesma noite” é um lembrete de que o desrespeito existiu e o descaso ainda existe. De que a justiça ainda tarda. De volta ao prefácio e às palavras de Canellas (2018, p. 12), é fato que “este livro é uma recusa ao esquecimento. Ao tomá-lo nas mãos, você estará participando do imenso esforço coletivo para fazer da memória um instrumento de conforto e respeito à dor alheia”.

Um soco no estômago

“Um soco no estômago” é a sensação descrita pela maioria dos leitores de “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*” nas redes sociais digitais. Muitos leitores se pronunciaram a respeito do livro no *instagram* e a autora Daniela Arbex compartilhou cada menção ao livro e à leitura no seu perfil na rede. Entende-se que a compreensão da ideia proposta pelo autor é intrínseca de cada leitor, portanto esta só será concretizada “se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência – a capacidade de apreensão e de processamento” (ISER, 1999, p. 09). Analisando postagens na plataforma digital *Instagram*, pudemos observar a importância dessa relação que possibilita ao sujeito passar por diversas emoções, como o choque, a compaixão, o horror, o choro, a simpatia, a reflexão.

Figura 1 – “Que baita leitura... Um soco no estômago a cada página. Impossível não se colocar no lugar de cada pai, cada irmão, cada amigo. Uma obra que precisa estar presente em cada cabeceira.”



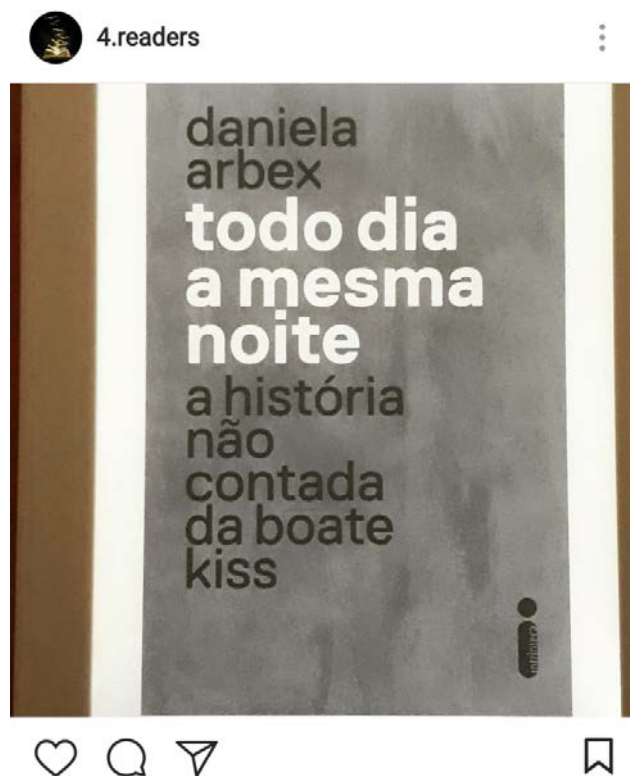
Fonte: *Instagram* (2018)

Figura 2 - “Esse livro me fez chorar, mas além do desalento, me fez experimentar outros sentimentos como dor, sede, falta de ar, revolta e lá no fundo, um pontinho de esperança.”



Fonte: *Instagram* (2018)

Figura 3 - "Um livro denso, um soco no estômago, relato das consequências devastadoras de uma sucessão de negligências."



Fonte: *Instagram* (2018)

O leitor, através da experiência com a recepção da obra, permite-se sentir parte da história, despertando sensações a cada capítulo. Desenvolve também sentimento de gratidão pelo trabalho da autora. Como pontuado anteriormente, esta relação entre o produtor, a obra e o sujeito receptor é presente e necessária para o processo literário, e se dá principalmente “pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo em que nos envolvemos” (ISER, 1999, p. 13). Além disso, revela ao leitor mais que prazer estético, um comportamento social que o motiva à ação, como o conceito de *katharsis* bem explica.

Essa característica acentua a função comunicativa da arte verbal, que, por seu turno, depende do processo vivido pelo receptor: o de identificação. Esta é provocada pela experiência estética e leva o sujeito à adoção de um modelo. Porque a arte produz a identificação entre o espectador e os elementos – o tema, os heróis ou ambos – ali apresentados, ela pode agir como transmissora de normas (ZILBERMAN, 1989, p. 57).

Figura 4 - "O livro é um soco no estômago, retratando a generosidade humana em meio a uma grande tragédia, mas também o desrespeito por parte de alguns a tirarem fotos dos corpos esperando reconhecimento."



Fonte: *Instagram* (2018)

Figura 5 - "E se é difícil para mim, que não estive lá, que não vi ninguém morrer, imagine para quem, naquele dia, perdeu uma parte de si? 'Todo dia a mesma noite' não é exagero. É realidade."



Fonte: *Instagram* (2018)

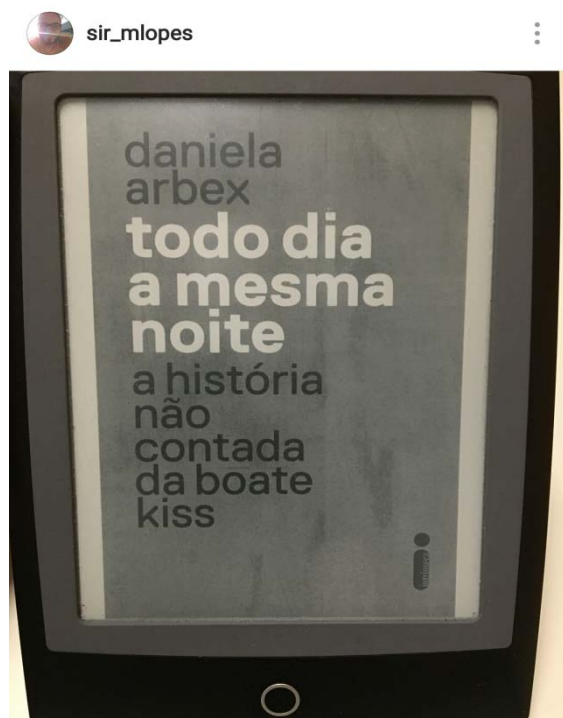
Outro fator interessante a ser observado, que atribui forte influência na recepção da obra e possui grande impacto nas experiências do leitor, são as circunstâncias que levaram à produção do livro analisado. Daniela Arbex colheu mais de 100 depoimentos, dentre pais das vítimas, sobreviventes, profissionais de resgate e testemunhas. Cada pessoa ouvida, direta ou indiretamente ligada ao acontecimento, relembrou momentos de dor, sofrimento e revolta. Seu lançamento oficial, realizado em Santa Maria dois dias antes de a tragédia completar cinco anos, foi parte das homenagens à memória dos que perderam suas vidas e também é lembrete do descaso por parte da justiça, uma vez que o caso nunca foi solucionado e seus responsáveis nunca punidos.

A construção da memória do pior desastre provocado pelo homem na história recente do Brasil é necessária. Só assim o país poderá lidar de frente com as causas e as consequências de uma tragédia que envergonha pela matança e pela impunidade (ARBEX, 2018, p. 227).

Associamos então ao conceito de “horizonte de expectativas”. Como consome produções de épocas variadas, o leitor-receptor acumula conhecimentos sobre diversos temas e acontecimentos. Também por isso é importante, uma vez que com sua recepção torna o fato sempre presente na história, proposta de Arbex ao produzir a obra analisada.

O leitor retoma o fato e se torna parte da discussão. Através de suas percepções anteriores e posteriores à recepção, este compartilha suas experiências com a leitura, seu descontentamento, tristeza, choque, emoções que lhes são despertadas e os leva à necessidade de falar sobre o assunto. A partir da recepção é possível que ele também conheça além do fato inicial. No caso da tragédia da *Kiss*, Arbex explora também como os personagens se apresentam após o fato. Como as famílias começaram a se reestruturar. Através do livro, o leitor conhece a luta de cada pai contra o esquecimento. A luta de cada parte integrante dessa tragédia contra o trauma. E pelo compartilhamento de suas impressões, dissemina essa discussão, cumprindo com o objetivo da autora com a obra: não permitir o esquecimento e a presente injustiça.

Figura 6 - “@daniela.arbex me pegou pela mão, me fez conhecer Silvinho, Dudu, Greicy e tantas outras pessoas...andei espremido por corredores da KISS e chorei como tantos pais pela perda de seus filhos.”



Fonte: *Instagram* (2018)

Figura 7 - "Aquele leitura que você faz com um nó na garganta, mas que quando termina te faz um ser humano melhor."



Fonte: *Instagram* (2018)

Considerações Finais

De acordo com todos os conceitos e características dispostos neste trabalho, foi possível compreender o processo de produção de uma narrativa na reportagem, bem como suas principais características. Entendemos os aspectos da produção do livro-reportagem e a importância da relação estabelecida entre o leitor, a obra e o autor, durante a recepção. É interessante a compreensão de que os desdobramentos dessa relação ocorrem de acordo com o impacto do objeto (a obra), a exploração dos sentidos, e a influência desses agentes no âmbito social.

Através de uma narrativa bem desenvolvida, uma apuração e produção trabalhosa, Daniela Arbex apresenta, além dos bastidores do fato, o “depois”, como os personagens lidaram com o ocorrido. Com a obra, o leitor descobre caminhos para conhecer mais do cenário, o desdobramento do caso na justiça e as ações realizadas pela população de Santa Maria durante esses cinco anos. A exemplo disso, temos a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), criada em 23 de fevereiro de 2013, em apoio às pessoas direta e indiretamente afetadas pelo caso. O objetivo principal da AVTSM é o auxílio às

famílias que perderam seus entes, e aos sobreviventes, estando sempre em busca de justiça e de medidas preventivas para evitar que ocorram outros casos como esse, ou mais graves. São organizadas também pela AVTSM vigílias mensais, realizadas todo dia 27, em homenagem à data referente ao fato. O próprio lançamento de “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *Kiss*” fez parte de uma série de homenagens aos cinco anos de impunidade e muita saudade.

Após analisar as postagens do *instagram*, percebemos como o receptor é “tocado” pela obra. Os relatos dos leitores reforçam a imponente da história e impedem seu esquecimento, ao permitir que o receptor, além de se colocar no lugar do outro, ajude a manter essa história no presente. O que, segundo Arbex (2018, p. 173) é fato: “depois da *Kiss*, ninguém seria mais o mesmo. Ninguém”.

REFERÊNCIAS

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Recepção e leitura no horizonte da literatura*. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100006 > Acesso em 15 de mai.2018.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. Vol. 2. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

VILAS BOAS, Sérgio. *O Estilo Magazine – O Texto em Revista*. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

CRUZ, D. I. Livro-reportagem: rejuvenescimento a partir de um novo modelo de informação. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2747-1.pdf> > Acesso em 13 de abr.2018.

ARBEX, Daniela. Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *kiss*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

CANELLAS, Marcelo. Prefácio (Um inventário de afetos). In: ARBEX, Daniela. Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate *kiss*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.